

DÍVIDA EXTERNA

Zélia tentará convencer Clube de Paris



Reuter—18/7/90

Beregovoy: encontro com Zélia

A ministra deve tentar obter para o Brasil tratamento semelhante ao recebido pela Polônia

REALI JÚNIOR

PARIS — O Clube de Paris não parece disposto a aplicar na negociação da dívida pública brasileira os mesmos critérios adotados no reescalonamento da dívida polonesa, quando foi anulada metade de uma dívida de US\$ 32 bilhões contraída com governos de vários países, inclusive o brasileiro. A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, poderá constatar isso pessoalmente no encontro de terça-feira com o presidente do Clube de Paris, Jean Claude Trichet, e o ministro de Economia e Finanças da França, Pierre Beregovoy.

Alguns membros do Tesouro

francês, responsáveis pela preparação das reuniões do Clube de Paris, têm argumentos de natureza política para justificar o que foi feito com a Polônia e deverá reproduzir-se com outros países do Leste Europeu e do Oriente Médio, além de Hungria e Egito. Tais precedentes, entretanto, na opinião dessas autoridades econômicas que em outros tempos só admitiam discutir os aspectos técnicos, não deverão beneficiar o Brasil e outros países da América Latina. Segundo eles, o Brasil poderá beneficiar-se, no máximo, de prazos mais amplos, mas não se imagina, por enquanto, a anulação parcial da dívida pública brasileira, calculada em um quinto da dívida comercial (US\$ 20 bilhões), mas cujos números exatos não são conhecidos nem mesmo pelas autoridades do Ministério da Economia.

O caso da Polônia, segundo especialistas franceses do Clube de Paris, é particular. Enquanto o Brasil é tido como um país "intermediário", mas com capacidade de pagamento, a Polônia e outros países de Leste e do Oriente Médio encontram-se em situação bem mais difícil. Não só a França, mas outros países credores da Europa Ocidental (Alemanha, Grã-Bretanha, Itália) reconhecem que têm responsabilidade especial com esses países, em plena fase de consolidação democrática, após a abertura do Leste. Por isso, os países ricos do Clube de Paris, atendendo recomendação do próprio Grupo dos Sete, que reúne os países mais industrializados do planeta, prepararam-se para anular parte significativa das dívidas da Hungria e do Egito. Este já foi beneficiado há apenas dois meses, por meio da

anulação de cerca de US\$ 7 bilhões de sua dívida militar com os Estados Unidos. Agora, parte importante da dívida com o Clube de Paris deverá receber tratamento idêntico. Esse tipo de comportamento com o Leste Europeu tem sido assimilado pela situação e oposição na França.

A ministra Zélia deverá realçar a seus interlocutores franceses, Pierre Beregovoy e Jean Claude Trichet, esse tratamento discriminatório adotado em relação ao Brasil, no momento em que o País tem procurado desenvolver esforços para se reaproximar da comunidade financeira internacional, reiniciando o pagamento dos juros da dívida comercial. O Brasil foi mais além participando do "perdão" da dívida polonesa, US\$ 1,6 bilhão de um total de US\$ 3,2 bilhões do principal e juros que o governo de Varsóvia

devia. Agora, quando se trata de debater a dívida brasileira com o Clube, o cartel de credores pretende adotar outros critérios. A intransigência do Clube de Paris poderá levar o governo brasileiro a tentar negociação bilateral com os países credores.

Não se pode esquecer que tais critérios de anulação já haviam sido adotados anteriormente para países mais endividados da África, sem condições de honrar compromissos financeiros internacionais. Certos países da América Latina, como Brasil e Argentina, são catalogados numa outra categoria, como se não tivessem necessidade de retomada do desenvolvimento econômico. A ministra Zélia Cardoso de Mello terá de bater o pé para obter dos credores do Clube de Paris o mesmo tratamento.